

COTIDIANO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: NOTAS SOBRE O PARQUE DO IBIRAPUERA

Paulo Cezar Nunes Junior
Silvia Cristina Franco Amaral

RESUMO

A temática do cotidiano é central quando se discute lazer e parques urbanos. A apropriação constitui estes espaços com fluxos, horários, tipos de atividades e características únicas. Por meio de uma análise descritiva e método antropológico de pesquisa, foram realizadas trinta e oito idas ao Parque do Ibirapuera durante o ano 2008 que mostraram que os usos e as práticas do cotidiano somam-se aos aspectos infra-estruturais na criação de espaço para o tempo livre.

Palavras-chave: tempo livre, lazer, apropriação, espaço.

ABSTRACT

The quotidian thematic is central with we want to discuss about leisure and urbane parks. The appropriation constitutes these spaces with fluxes, times, activities kinds and unique characteristics. This research was conduct through anthropologic view. The description analyses were realized from thirty eight days at Ibirapuera Park, during 2008. The results shows that the uses and quotidian practices plus at infra-structural aspects to create the space to free time.

Keywords: free time, leisure, appropriation, space.

RESUMÉN

La temática del cotidiano es central cuando se discute ocio y parques urbanos. La apropiación constituye estos espacios con flujos, horarios, tipos de actividades y características únicas. Por medio de un análisis descriptivo y según el método antropológico de investigación, treinta y ocho visitas hechas al Parque del Ibirapuera durante el año 2008 mostraron que los usos y las prácticas del cotidiano se suman a los aspectos infra-estructurales en la creación de espacio para el tiempo libre.

Palabras-clave: tiempo libre, ocio, apropiación, espacio

Introdução

O projeto do Parque do Ibirapuera traz elementos [...] para pensar a questão dos usos do espaço. Na tarde de domingo, dia 15 de junho, avistei alguns garotos sentados no topo da Oca. Trata-se de uma construção esférica, na qual é possível realizar uma “escalada” até sua parte mais alta sem grandes dificuldades. Em frente à entrada do Auditório Ibirapuera uma placa de “proibido subir” e a presença de um segurança aguçam a vontade de caminhar pelo plano inclinado que caracteriza o

desenho arquitetônico do prédio. Este fato observado ilustra de maneira interessante a imprevisibilidade dos usos do espaço que podem ser feitos pelos sujeitos. Embora houvesse proibição, ou restrições [...] (seja através das placas de orientação, ou da presença do segurança), prevaleceu neste caso a vontade do sujeito, o modo como os garotos decidiram fazer uso do espaço. (NUNES JUNIOR, 2009, p.47).

Essa passagem serve para introduzir o tema a ser trabalhado neste texto. Entendendo que o termo espaço refere-se tanto a conceitos materiais quanto conceitos imateriais (SANTOS, 1988), consideramos que a ação cotidiana do sujeito é decisiva para os usos que cada espaço terá. Neste caso, nossas observações ocorreram no Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo, a fim de investigar como este processo de apropriação ocorre naquele parque urbano.

Os motivos da escolha do Parque do Ibirapuera para este estudo se devem, sobretudo, à grande oportunidade de encontro ocasionada pela diversidade de atrativos e pelo denso número de freqüentadores naquele espaço, principalmente nos finais de semana e feriados. Entendemos que as formas de aglomeração, como as que puderam ser observadas, estão diretamente ligadas à questão da urbanidade¹, visto que são inúmeras as possibilidades de experiências e usos do mesmo espaço por um elevado número de pessoas.

“Descendo” até o cotidiano

No movimento de desenvolvimento da pesquisa, a opção às “caminhadas pela cidade” ao invés do “olhar panorâmico”, de cima dos prédios, nos converteu, conforme sugere Certeau (1994), de *voyeur* a caminhantes. Justificando este processo, mencionamos o mito de Ícaro lembrado por Certeau (1994, p. 170)

Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava possuído. Ela permite lê-lo, ser um olhar solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas esse ponto que vê, eis a função do saber. Será necessário, pois cair de novo no sombrio espaço onde circulam multidões que visíveis lá do alto, embaixo não vêem? Queda de Ícaro.

O auspicioso olhar de Ícaro não o livrou de sua queda, em que pese seu virtuosismo de vôo. O premente estágio da descida do prédio desencadeou, portanto, o aguçamento do olhar naquilo que antes era invisível (e imprevisivelmente

¹ O conceito de urbanidade está diretamente relacionado a infraestrutura e a valorização do uso do espaço público. A diversidade e a densidade características do urbano são potencialmente capazes de articular o sujeito ao espaço, numa relação rica e dotada de sentido aos cotidianos na cidade. “Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários do dia-a-dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) os parques bem localizados, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez da sensação de vazio” (JACOBS, 2001, p.121).

transformador) na cidade. Resgatando outro mito grego e colocando-se em direção a tais idéias, Lefebvre (1999, p.7) fala do poder do cotidiano a partir da figura de Ulisses.

[...] o cotidiano em Ulisses entra em cena revestido pelo épico, por máscaras, por vestimentas e por cenários. É exatamente a vida universal e o espírito do tempo que se apoderam dele porque se investe nele, conferindo-lhe uma amplitude teatral. Todos os recursos da linguagem vão ser empregados para que se exprima a cotidianidade, com sua miséria e sua riqueza.

Na aventura de Ulisses, em “A Odisséia” a miséria e a riqueza da cotidianidade são espelhadas nas ações do herói. Suas estratégias guiavam suas viagens, assim como o cotidiano, elaboradas pelas estratégias, pelas técnicas e astúcias (CERTEAU, 1994), conduzem o dia-a-dia do sujeito comum no espaço das cidades. A queda de Ícaro inevitavelmente o fez descer de sua posição de *voyeur* à ação no sombrio espaço das multidões. Ou seja, mesmo que o movimento de ascensão tenha sido necessário a fim de que o saber e a abertura do olhar precedessem a imersão, foi necessária a incursão de novo no espaço onde a realidade acontece, local onde Ulisses exhibe suas peripécias rumo ao futuro desconhecido. Cotidianamente a realidade se constrói pelos braços dos sujeitos, ora a níveis mais sombrios, ora a níveis mais leves. O que se leva é a certeza do ato praticado, na busca da transformação pelas estratégias de suas ações.

Na tomada do desenvolvimento das cidades e do espaço para o lazer precisamos, ao mesmo tempo, considerar os movimentos de Ícaro e Ulisses. Tanto a ascensão quanto a queda são permeadas pelo cotidiano e seus efeitos moduladores da realidade. Precisamos ter a certeza constante de que nosso vôo é acompanhado o tempo todo por uma realidade que é construída diariamente segundo as técnicas e astúcias (CERTEAU, 1994) de incontáveis estrategistas. Estas ações incitam-nos a descer e pousar o olhar sobre a realidade para de novo vislumbrar a utopia, mostrando que ao pensar o espaço e o lazer estamos compactuando, inevitavelmente, com este movimento que é dialético em essência.

A esta idéia é preciso acrescentar outro ponto importante, contínuo a este movimento: as relações entre o ser humano e seu espaço estão ligadas às transformações políticas econômicas e sociais da nossa sociedade. As preferências pessoais não são isoladas de seu meio, estão relacionadas aos diversos significados sejam eles sociais ou individuais em um espaço e tempo específicos.

Ao pensar dialeticamente, é preciso conceber a síntese como resposta da bivalência entre tese e antítese e acreditar na tensão gerada entre os temas. Daí é possível deduzir que sujeito e espaço representam uma unidade, socialmente indissociáveis, construídos historicamente e que trazem em si a possibilidade de transformação da realidade num determinado tempo histórico.

Direcionando a pesquisa para um referencial que se aproximasse mais da microscopia dos fatos (GEERTZ, 1989), a partir de leituras da área da educação física² nos aproximamos de autores que concedem papel determinante ao sujeito, entendendo-o atuante na ressignificação da realidade por meio do cotidiano vivido. Sobre tudo a obra de Harvey (2004), a leitura de Certeau (1994) e os apontamentos metodológicos de

² Entre as quais citamos aqui os trabalhos de Rodrigues (2001), De Pellegrin (1999) e Rechia (2007).

Geertz (1989) e Magnani (2002) nos auxiliaram a afinar o olhar para o detalhe, para o inesperado, para o subversivo.

Estes autores nos ajudaram a cercar o objetivo desta pesquisa, qual seja entender os usos que os sujeitos fazem de alguns espaços do Parque Ibirapuera por meio do lazer e como essa relação poderia criar uma perspectiva diferenciada na relação sujeito/espaço urbano.

Método de pesquisa

Recorremos ao método de pesquisa antropológico para compreender as pistas fornecidas pelos fatos observados no trabalho de campo. Esta escolha se deu devido a pertinência deste olhar microscópico (GEERTZ, 1989) nas ações do cotidiano. Além disso, uma vez que o caráter interpretativo deste tipo de pesquisa auxilia na compreensão dos significados e no caminho até a relação necessidade/estratégia, foi possível perceber como se estabeleciam os usos nas atividades cotidianas, na composição do que Lefebvre (2006) chamaria de realidade *prático-sensível*.

Neste movimento de aproximação de realidade, a cada fase do trabalho de campo³ foi possível notar as maneiras pelas quais os sujeitos construíam o Parque do Ibirapuera: pelos horários, pelos tipos de atividade, frequência de visitas, etc. Uma passagem de Rechia (2006) endossa esta idéia, já que segundo a autora “as formas de apropriação, os usos cotidianos e as maneiras de frequentar um lugar é que dão significado aos espaços [...]” (RECHIA, 2006, p.102).

O desenvolvimento da revisão bibliográfica, da pesquisa documental e posteriormente das observações mostrou que o cotidiano transforma o espaço constantemente por meio das práticas de lazer, de formas de apropriação imprevisíveis, enriquecendo a realidade com astúcias e estratégias (CERTEAU, 1994) novas a cada uso.

O processo total da pesquisa empírica durou oito meses, com visitas aos finais de semana de fevereiro a julho de 2008 e eventuais idas a campo em agosto e setembro, intercaladas entre as 9 e as 19 horas, horário nos quais o movimento de usuários era maior. No intervalo de tempo entre estes meses, o contato com a realidade causou mudanças e ajustes de foco da pesquisa, o que nos levou a deter-nos principalmente nos espaços da marquise e na pista central do Parque do Ibirapuera, conforme se pode ler em Nunes Junior e Amaral (2009).

Apresentaremos a seguir algumas reflexões acerca do cotidiano e da apropriação do espaço, pautadas no trabalho de campo.

A apropriação do espaço: usos e transformação no Parque do Ibirapuera

Apesar do projeto do Parque do Ibirapuera visar oferecer espaços de lazer aos seus usuários, buscando atender os mais diferentes interesses pelas diversas atividades ofertadas, seus usos não estão garantidos. Os prédios e construções feitos à época da inauguração do Ibirapuera só depois ganharam sentidos pelos usos que os sujeitos fizeram do mesmo, na medida em que foram usufruídos pela população das mais diversas formas. Este fato permite afirmar que o debate em torno da apropriação deve levar em conta que esta é uma categoria essencialmente relacional (SMOLKA, 2000), daí sua ligação imediata com o conceito de espaço tomado como conjunto de elementos materiais e imateriais (CERTEAU, 1994).

³ Ressaltamos que o trabalho de campo constou de três grandes fases. Uma primeira, na qual o contato com o campo se deu de forma mais ampla; uma segunda, quando foram eleitos locais específicos para a observação dos seus usos; e uma terceira fase, quando foi feita a descrição mais atenta destes locais.

Endossando este caminho teórico, Pol (1996, p. 45) diz que “La apropiación del espacio – con toda su complejidad – aparece como uno de los núcleos centrales en la interacción entre el ser humano y su entorno físico”. Em outras palavras, é possível dizer que o espaço é o resultado das apropriações que são feitas em um determinado lugar, num dado intervalo de tempo.

Por outras palavras, a apropriação do espaço trata-se de “el sentimiento de poseer y gestionar un espacio, independientemente de su propiedad legal, por uso habitual o por identificación” (CODINA, 2007, p. 210). Este entendimento de apropriação permite uma ligação com o conceito de topofilia sustentado por Tuan (1983), o qual diz que há um elo afetivo entre a pessoa e o lugar mantidos através de experiências e percepções significativas. Neste caminho, ainda é possível ponderar que inevitavelmente estamos ligados ao lugar pelas lembranças, por uma série de interlocuções que passam pelo nível afetivo. Para Certeau (1994, p.189)

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas entre si, dos passados, roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações conquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Ou seja, trata-se, na verdade, de um lugar praticado (CERTEAU, 1994), onde são promovidas relações próximas entre sujeito e espaço. Nesta perspectiva, é possível afirmar que o Parque do Ibirapuera contém diferentes significados, de acordo com a relação estabelecida entre ele e seu usuário. A atividade procurada pela adolescente era sempre à caminhada na pista de *cooper*, o gramado preferido do casal de namorados era a parte central da Praça da Paz, o horário de chegada da babá com a criança ocorria sempre às dez horas da manhã, o local de parada para descanso do corredor era a barraca de cocos próximo à Administração do parque; todos esses são indícios que promovem a aproximação do sujeito com o espaço, concedendo urbanidade ao local que, *a priori*, não passava de um projeto urbanístico para a cidade. Nas palavras de Smolka (2000, p. 4):

O termo apropriação refere-se a modos de tornar próprio, de tornar seu, também, tornar adequado, pertinente aos valores e normas socialmente estabelecidos. Mas há ainda outro significado (...), relacionado à noção elaborada por Marx e Engels, na qual o tornar próprio implica “fazer e usar instrumentos” numa transformação recíproca de sujeitos e objetos, constituindo modos particulares de trabalhar/produzir.

A fim de marcar a oposição ao conceito de apropriação, Codina (2007) apresenta também o seu oposto, a alienação, condição na qual o sujeito não se identifica com o que produz:

La no apropiación o la alienación se daría cuando la persona, aún percibiendo una transformación por su acción sobre una realidades, no consigue identificar-se con el proceso o resultado. Así pues, la no apropiación podría argumentar la falta de interés por determinadas actividades, la dificultad para aficionar-se e la actividad física o a un deporte en particular, el decenso en la

participación de los jóvenes en actividades deportivas, el abandono de determinadas prácticas de ocio, etc (CODINA, 2007 p.212).

Partir do entendimento da bivalência entre os dois pólos de uma mesma idéia é interessante para uma análise crítica do problema. Neste caso, pode-se afirmar que o processo pelo qual determinado espaço é apropriado não ocorre separadamente do risco da alienação. Isso porque o sujeito não tem controle das forças que operam tanto sobre suas escolhas quanto sobre as estruturas que o posicionam socialmente. Em que pese a ordem posta pela organização espacial e pelos projetos colocados em prática por parte dos urbanistas, a construção de realidades novas é possível pelo processo da apropriação, entendida segundo o conceito de ação-transformação. “Si la transformación es un elemento básico de la apropiación, se puede considerar que surge una apropiación del tiempo cuando este se vise como espacio de tiempo de transformación” (CODINA, 2007 p. 211).

Pela observação dos usos é possível marcar diferentes leituras da realidade, tipos inusitados de relações com o espaço, dos quais podem emergir possibilidades de vislumbrar novas maneiras de resolver problemas, técnicas de construção de outro modelo de funcionamento da sociedade. Nas ruas, nas calçadas, nos parques, no modo como o sujeito se movimenta nas cidades. No dia 19 de abril e nos dias 4 e 17 de maio de 2008, observamos um senhor que pula corda sempre sobre um banco em frente à banca de jornais da marquise. Nestes dias, pudemos perceber que ele permanecia ali por cerca de 20 minutos, com sessões de pulos interrompidas por sua fadiga. Os usuários que passavam pela pista central facilmente notavam sua presença, através de um olhar mais demorado. Fatos como este, podem promover pistas para soluções inéditas às situações mais corriqueiras do dia-a-dia.

A este respeito, Certeau (1994, p.176) sugere uma visão interessante e, sobretudo, poética do ato de caminhar pela cidade:

A fala dos passos perdidos. Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses “sistemas reais cuja existência faz efetivamente à cidade”, mas “não tem nenhum receptáculo físico”.

A apropriação é aqui entendida como sinônimo de possibilidade. No simples ato de caminhar podem ser inscritas enunciações pedestres que muito têm a dizer sobre o sujeito e sua relação com o espaço. Certeau (1994, p.176) ainda continua seu raciocínio:

[...] e se de um lado o caminante torna efetiva somente algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui e não por lá), do outro aumenta o número de possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona, portanto “o

usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”. Cria assim algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da “língua” espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles. Vota certos lugares à inércia ou ao desaparecimento e, com outros, compõe torneios espaciais raros, acidentais ou ilegítimos. Mas isso já introduz a uma retórica da caminhada.

A retórica da caminhada pode ser somada a possibilidades infinitas de outras enunciações. Este conjunto de dizeres, sempre próprios dos sujeitos e significativos para o estabelecimento da realidade observada, é que tece o conceito de espaço, a soma de elementos materiais e imateriais (SANTOS, 1996) onde passado, presente e futuro se encontram. Quanto mais próximos nos posicionamos das possibilidades de apropriação do espaço, mais sentido vemos nas informações fornecidas e na ressignificação dos mesmos, como o exercício feito por De Pellegrin (1999) ao estudar os espaços de lazer nos bairros de Campinas.⁴

Santos (1988) ressalta que as cidades se distinguem umas das outras justamente por seus objetos fixos e fluxos, de modo que é necessário analisar suas diversas combinações, que caracterizam diferentes formas de apropriação, adjetivando o lugar espacialmente.

Nesse sentido, podemos dizer que as transformações urbanas que interessam não são apenas as modificações físicas, que ocorrem ao longo do tempo, de modo previsível e muitas vezes irreversível. Tão importante quanto elas são as atuações individuais dos sujeitos que vivem nos centros urbanos e que anseiam por novas maneiras de viver a cidade, a partir de um jogo intenso e dinâmico de experiências e a níveis de realidade diversificados que geram movimentos peculiares no cotidiano urbano na direção da transformação da realidade, pois como adverte Pol (1996), a apropriação, como processo de identificação, ocorre com certo sentido como processo de transformação.

Outros fatos do cotidiano para o tempo livre

A Avenida Pedro Álvares Cabral, que circunda o Parque do Ibirapuera pela parte norte e leste, observada no dia 13 de setembro de 2008 na altura do cruzamento com a Avenida Brigadeiro Luís Antonio, projeta-se como espaço no exato momento em que pode ser apreendida de acordo com as inúmeras variáveis que a constitui pelos seus fixos e fluxos (SANTOS, 1988). O volume de carros, a repetição gerada pela abertura e fechamento dos semáforos, as marcas de pneus no concreto, a ansiedade estampada na cara do motorista, os pedestres à espera do sinal verde, a frieza do dia de céu branco, os ruídos emitidos principalmente pelos veículos, o Monumento às Bandeiras⁵ a ser reformado, emoldurado por peças de madeira. Sinais distintos e infinitos, que versam a respeito do sistema pelo conjunto de produtos apresentados, dizem sobre a conduta humana, marcam história na constituição de um todo indivizível e constantemente alterado.

⁴ O trabalho da autora destacou a importância das relações de apropriação e uso dos espaços cheios/vazios por parte da população, nas suas diferentes formas e processos. Sua pesquisa exploratória foi realizada em quatro bairros: Barão Geraldo, DIC's, Vila Industrial e Costa e Silva.

⁵ Escultura de Vítor Brecheret, projetada em 1921 e inaugurada em 1954.

Trata-se de uma grande lei dos movimentos de fundo, dada pelos modos de produção e seus momentos, responsável pelas mudanças grandes e gerais, e pela criação de novos objetos, enquanto as relações que se estabelecem entre os homens por meio dos objetos novos e dos antigos também se submetem a uma lei menor, como se, na vida da sociedade e do espaço, existissem um motor movente e um motor movido. O espaço disso resultante pode ser tratado como um conjunto inseparável de fixos e fluxos. Se a definição dos fixos vem da qualidade e quantidade (ou densidade) técnicas que encerram, a definição dos fluxos deriva de sua qualidade e do seu peso políticos (SANTOS, 1988).

Tal oposição é necessária para o debate em torno do cotidiano. Ela é indispensável para distinguir entre o processo imediato de produção, cuja definição é técnica, e as formas que garantem a existência do produto, ou seja, da circulação, distribuição e consumo, das formas de configuração do espaço. Tomadas em sua maioria no campo político, tais decisões sofrem as ações do cotidiano na materialização da realidade prático-sensível (LEFEBVRE, 1999), criando um movimento dialético entre o projeto e a ação do sujeito.

O Parque do Ibirapuera representa a união dos fixos e dos fluxos (SANTOS, 1988) que coexistem na sua produção. Se há 10 anos atrás certas funções determinavam os usos, certamente com o desenvolvimento e apropriação no parque, novas formas de interação específicas foram criadas entre o prédio e o sujeito, entre a pista e o corredor, entre a criança e o *playground*.

Nesse sentido, os parques urbanos podem vir a ser bons locais para a observação da efervescência da cotidianidade na cidade, como foi revelado pelo Parque do Ibirapuera durante o trabalho de campo. A pluralidade de público encontrada principalmente nos finais de semana fazia com que o parque tivesse os mais variados usos, gerando ricos exemplos de urbanidade para o local como os citados acima.

O Jardim das Esculturas é outro exemplo que ilustra a idéia dos usos: contém instalações que sugerem a interação com o público. No dia 17 de agosto de 2008 observamos que um grupo de jovens se divertia na obra “Sectiones Mundi”⁶ enquanto esperava a saída da excursão de seu colégio. Composto-se de um labirinto de blocos de cimento próximos, a obra está a uma altura de cerca de 50 centímetros. Seu desenho imita círculos concêntricos, com algumas ligações entre si em alguns trechos, e interrupções em outros, formando uma espécie de labirinto. Nesta obra, é possível pular de uma área a outra, esta ação era realizada por mais ou menos 20 jovens naquela tarde. Foi possível notar também usos com a obra de José Rezende (1997)⁷ quando vimos crianças arremessando pedras em suas placas metálicas neste mesmo dia. O contato com as placas causava distintos sons pelos diferentes timbres proporcionados pelas espessuras do metal.

Últimas notas sobre cotidiano, espaço e transformação

Estas foram situações que mostraram diferentes usos do espaço, em que pese as regras estipuladas e proibições necessárias, no caso da Oca (conforme a citação no

⁶ MILAN, D. e PEREZ, A. 1988.

⁷ Sem título. Trata-se de uma série de folhas de cobre dispostas ou verticalmente em ângulo reto com o solo. A escultura tem cerca de 1 metro de altura, por 7 metros de comprimento.

início do texto) e do Auditório do Ibirapuera⁸. Pelo contrário, a questão da conformidade com a previsão antecipada do uso feito do espaço é aquilo que normalmente se encaixa nas deduções das ciências parcelares (LEFEBVRE, 2006) do planejamento de espaços deste tipo.

Entendemos que estes tipos de reflexões mostram-se importante na medida em que se trata do ponto no qual a subversão e a imprevisibilidade dos cotidianos⁹ operam. No limite, esta abertura de possibilidades nos forneceria a idéia de que o espaço de lazer ocorre pelos diversos usos dos sujeitos em suas diferentes temporalidades e espacialidades, com vistas à superação ou à reprodução de noções padronizadas de espaço e de tempo. A este movimento aplica-se a consideração de que o sujeito é ativo na construção da realidade, diz que suas ações implicam em mudanças na supraestrutura pela subversão que pode ser observada no uso dos espaços.

Mais do que apenas um fato social, o espaço passa a ser um condicionante condicionado, tal como outros produtos sociais, é constituído pelo movimento dos fatos ao mesmo tempo em que os influencia (CERTEAU, 1994). A partir do entendimento do lazer como construção que surge da contradição presente na vida cotidiana, é possível estabelecer relações de suas atividades com o espaço urbano, nó conceitual que traz consigo as possibilidades de transformação a partir das passagens narradas neste trabalho. Pelo olhar sobre estes usos, é possível vislumbrar a construção de espaço para o tempo livre (MUNNÉ, 1980), nas práticas de lazer e nas demais esferas da vida.

Ao pensarmos na criação do espaço para o tempo livre, é preciso que se compreendam as nuances existentes entre o autocondicionamento e o heterocondicionamento propostos por Munné (1980). O autor encaminha uma saída teórica interessante para o problema do tempo livre. Ele chega à conclusão de que este tempo está constituído pelo aspecto do tempo em que o homem autocondiciona, com maior ou menor nitidez sua conduta pessoal ou social. O elemento que o define propriamente como tal é o tempo ocupado por atividades nas quais prevalece o autocondicionamento.

Este libera del heterocondicionamiento (tiempo liberador) creando así, el condicionante endógeno que posibilita un tiempo en que el hombre liberado puede autocondicionar-se personal y socialmente, esto es, ejercer genuinamente la libertad, afirmándose así como tal hombre”.(MUNNÉ, 1980, p. 105).

Pelo conceito de tempo livre empregado por Munné (1980), o caminho a ser seguido operaria de modo à liberação compensadora do heterocondicionamento, satisfazendo as necessidades reais de liberdade e estabelecendo caminhos para que tal situação aconteça. Neste ínterim, tratar dos usos do espaço se faz importante na medida em que eles pressupõem sua apreensão a partir de atividades nas quais pode predominar o caminho para a liberdade. As relações entre o sujeito e o local produziriam ressignificações, pelas quais o tempo livre pode acontecer, pela ação autêntica entre sujeito e espaço.

⁸ Assim como a Oca, o Auditório do Ibirapuera apresenta um desenho arquitetônico que permite que sua parede seja “escalada” até o alto. Nele também há seguranças e placas indicando que é proibido a subida.

⁹ Santos (1994) ao falar do cotidiano, utiliza o substantivo no plural, pela justificativa de que existem milhares de cotidianos atuando no desenvolvimento do real.

Referências

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano* (1. Artes de fazer). Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CODINA, N. Entre el ocio, el turismo y el consumo. El tiempo y la apropiación del tiempo. In MARTINEZ, J. R. (org.). *Perspectivas y retrospectivas de la Psicología Social en los albores del siglo XXI*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007 p. 205-214.

DE PELLEGRIN, A. *Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GUATARRI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço e Debates* n.6, 1985 p.109-121.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. çtinsc

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 17, n. 49, 2002 p.11-29.

MUNNÉ, F. *Psicossociologia del Tiempo libre: un enfoque crítico*. México: Trillas, 1980.

NUNES JUNIOR, P. C. *Espaço para o tempo livre: considerações sobre lazer e apropriação do espaço urbano no Parque do Ibirapuera*. 2009. 91 f Dissertação (Mestrado) Manuscrito não publicado – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2009.

NUNES JUNIOR, P. C.; AMARAL, S.C.F. Entre a marquise e a pista central. Espaço para o tempo livre no Parque do Ibirapuera. *Movimento*. Porto Alegre: 2009. (submetido)

POL, E. La apropiación del espacio. In IÑÍGUEZ, L. & POL, E. (coord.) *Apropiación, Cognición y Representación Ambiental*. Monografías PsicoSocioAmbientales. Barcelona: PUB, 1996, pp. 45-62.

RECHIA, Simone. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas na cidade de Curitiba. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, 2006, v. 27 n.2, p. 91-104.

RECHIA, S. Curitiba cidade-jardim: a relação entre espaços públicos e natureza no âmbito das experiências do lazer e do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, 2007, v. 28 n.3, p. 89-108

RODRIGUES, M. A. A. O lazer na cidade moderna: a Belo Horizonte no início do século XX. In: *XIII ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Natal: 2001. 1 CD-Room.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Edusp, 1988.

SECRETARIA MUNICIPAL DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE. *100 Parques...* Disponível em: <http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sitesvma/100_parques/regiao/sul/index.php?p=46> Acesso em: 22 ago. 2008.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Caderno Cedes*, v.20, n.50, Campinas, abril/2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 jul. 2006.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.